

Resumo

HUGHES-WILSON, John. **The Puppet Masters: spies, traitors and the real forces behind world events**. Londres: Cassell, 2005.

por **Helio Maciel de Paiva Neto**
Abin

Em sua função de assessoramento e fornecimento de informação privilegiada a governos e lideranças mundiais, os profissionais de Inteligência se inserem, de forma muito sutil, nos mais altos centros de poder e decisão do cenário internacional, embora tal função geralmente passe despercebida do grande público. Equivaleriam-se, por assim dizer, a verdadeiros *Puppet Masters* (mestres de marionetes) do poder, afastados dos olhos da opinião pública, mas sempre por trás de cada ato dos líderes mundiais frente a suas platéias. Não seria exagero dizer que os serviços de Inteligência seriam, dessa forma, “as verdadeiras forças por trás dos eventos mundiais”.

Traçar uma história da atividade de Inteligência e seu impacto nas decisões dos estadistas, imperadores e generais através dos séculos. Não é outro senão esse o propósito do Coronel John Hugues-Wilson, oficial de Inteligência britânico aposentado, com mais de 30 anos de carreira, em sua obra “*Puppet Masters: spies, traitors and the real forces behind world events*” (Mestres de Marionetes: espiões, traidores e as verdadeiras forças por trás dos eventos mundiais). Busca, dessa forma, suprir uma séria lacuna na literatura do setor, que há muito precisava de uma obra abrangente, completa, e ao mesmo tempo de fácil leitura e compreensão.

Logo no início do primeiro capítulo, o coronel Hugues-Wilson ironiza o velho adágio segundo o qual a Inteligência seria a segunda

profissão mais antiga, atrás apenas da prostituição. Segundo o autor, tal afirmação seria um completo absurdo. Para ele, é óbvio que a Inteligência é a mais antiga ocupação da raça humana, não ficando atrás de nenhuma outra. Isso porque a necessidade de conhecer, de obter informações sobre o ambiente que nos cerca está profundamente enraizada em nossas raízes biológicas e sociais, tanto quanto a necessidade de reprodução. Se, talvez, segundo o autor, Adão tivesse um relatório de Inteligência sobre o que a serpente e Eva estavam tramando, nós não estaríamos na situação em que estamos hoje.

Certamente, Adão não dispunha de tal ferramenta para orientar suas decisões. Mas não demorou muito para os líderes das primeiras civilizações desenvolverem seus próprios aparatos de Inteligência. É muito conhecida a citação bíblica do “pedido de Inteligência” de Moisés no Velho Testamento quanto à configuração das terras de Canaã. O que poucos sabem é que os primeiros registros históricos de coleta de informações e dados são ainda muito mais antigos. Por volta de 3000 anos antes de Cristo, os sumérios e os egípcios registravam o que hoje são considerados os primeiros documentos de Inteligência da história. Tais relatórios dão conta da movimentação de tropas inimigas, seu número de soldados, as armas de que dispunham, enfim, informações necessárias para a efetiva aplicação do poderio militar desses impérios que dominaram o Oriente Médio no alvorecer da história registrada.

O coronel Hugues-Wilson continua sua narrativa ao longo dos 20 capítulos de sua obra de maneira notavelmente agradável e completa, abordando os segredos dos serviços de Inteligência de praticamente todos os Estados da Antiguidade e da Idade Média. Por meio de sua obra conhecemos, por exemplo, os *Frumentarii* e os *Peregrini* Romanos, os agentes do primeiro sistema de Inteligência nacional da história, desenvolvido a partir da rede pessoal de informantes de ninguém menos que Júlio César. Descobrimos, ainda, que a maior prioridade da Inteligência do Império Bizantino era a proteção do conhecimento; por não menos do que quatro séculos, a Contra-Inteligência de Constantinopla conseguiu

preservar dos mouros o segredo da fórmula do “Fogo Grego”: uma mistura de nafta, betume, resina e outros elementos que resultava em um líquido altamente inflamável cuja chama não poderia ser apagada com água.

Avançando ao longo dos anos, a obra em questão aborda a ênfase que deram à atividade de Inteligência os mongóis e os venezianos, no oriente e no ocidente, respectivamente, na Baixa Idade Média. Na mesma época, no ocidente, a Inquisição Católica e, no oriente, os *Hashishin* islâmicos usavam suas redes de informantes como arma para impor o terror religioso nos fiéis e infiéis de seus respectivos credos. Em toda parte, crescia a importância da Inteligência para consolidar a força dos poderosos, para controlar seus súditos e defendê-los de seus inimigos.

Com a Reforma, no séc. XVI, e o surgimento das guerras religiosas na Europa entre protestantes e católicos, emerge aquela que é reconhecida como a primeira grande rede internacional de Inteligência da era moderna, a rede de Sir Francis Walsingham, o chefe do Serviço Secreto da Rainha Elizabeth I. Com agentes de Lisboa a Constantinopla, de Oslo a Argel, nada, em parte alguma da Europa, escapava à Inteligência britânica sob Sir Walsingham. Sua influência foi tanta que, através de ações de sabotagem e pressões político-econômicas, conseguiu atrasar por dois anos o envio da invencível armada espanhola, dando à frota Inglesa o tempo suficiente para se armar e se preparar contra a ameaça hispânica, além de lhe prover dados que foram cruciais para a vitória que consolidou a supremacia britânica nos mares por séculos a fio.

No séc. XVII, contudo, foi o Cardeal Richelieu quem herdou a coroa de grande mestre da Inteligência européia. Apesar de ser um homem da igreja, o Cardeal não mediu esforços, apelando para todas as armas do arsenal da Inteligência em prol da *raison d'état*, a razão do estado, conceito que criou para justificar as ações, muitas vezes ilegais e imorais, em prol do rei e da pátria. Com o *cabinet noir* de Richelieu, a França de Luís XIV, o “Rei Sol”, atingiu

o zênite de seu poder, tornando-se a potência dominante na Europa continental por, pelo menos, mais dois séculos.

Desfazendo uma noção bastante arraigada, o livro afirma que a atividade de Inteligência nos Estados Unidos da América não se iniciou apenas após o ataque japonês em *Pearl Harbour*, mas sim antes mesmo de sua fundação. Nesse sentido, um dos maiores comandantes de Inteligência de sua era foi ninguém menos que George Washington, o pai da independência e primeiro presidente estadunidense. Um veterano das campanhas contra os franceses pelo Québec, Washington conhecia a importância estratégica das informações para a eficiente tomada de decisões. Já em 1777, no princípio da Revolução Americana, ele escrevia para seus ministros: “Cada detalhe deve ter lugar na coleta de informações... tudo depende de obter Inteligência”. Com uma extensiva rede de espões infiltrados e um conhecimento do terreno profundamente superior ao do inimigo, Washington foi capaz de vencer o império britânico, mesmo com um número inferior de tropas e armamentos. A Inteligência estava nas raízes do novo Estado americano.

Na Europa, a era das revoluções se iniciava, com o final do século XVIII e o início do século XIX; com ela, o mito de Napoleão Bonaparte e seu gênio militar que prescindia da Inteligência. Na verdade, o coronel Hugues-Wilson desfaz esse mito, propagado por ninguém mesmo que o próprio Napoleão, desejoso de se vangloriar por suas conquistas e de diminuir a importância crucial de seus colaboradores e informantes. O fato é que Napoleão, em suas vitórias, sempre contou com um elaborado aparelho de Inteligência militar, provendo-lhe informações acuradas, e fornecendo desinformação “valiosa” a seus inimigos. Quando lhe faltou essa Inteligência, ou quando confrontado contra uma estrutura superior a sua, como a do Duque de Wellington, o gênio militar de Napoleão não se mostrou tão genial assim, conforme se observou em Waterloo. Wellington, sem a arrogância de Bonaparte, não se furtou a afirmar: “Todo o negócio da guerra, de fato todo o negócio da vida, é tentar descobrir o que você sabe e o que você não sabe; é o que eu chamo de ‘adivinhar o que está do outro lado do morro’”.

Ao longo do século XIX, a atividade de Inteligência se espalhou por todas as partes do mundo. Ela se encontrava nas polícias secretas dos grandes impérios absolutistas; na guerra civil americana; na corrida do neocolonialista das potências européias sobre as colônias na África e na Ásia. Encontrava-se, enfim, no delicado processo que levou à unificação do Estado alemão sob os auspícios de um dos grandes estadistas daquele século, Otto von Bismarck, e de seu chefe de Inteligência, Wilhelm Stieber, um homem sem escrúpulos, mas que dominou sua área de atuação durante sua época.

Com o início do século XX, o mundo entraria num período de mudanças drásticas e radicais em todos os setores que revolucionariam todas as áreas de atuação humana. No campo tecnológico, o advento da aviação e do rádio diminuiu drasticamente as distâncias, provocando um primeiro impulso do fenômeno que hoje chamamos de globalização. Tais tecnologias provocaram mudanças sensíveis na atividade de Inteligência, o que seria percebido notadamente durante a Primeira Guerra Mundial. O uso do avião como instrumento de obtenção de informações, especialmente fotografias aéreas de reconhecimento, alavancou sobremaneira a Inteligência de imagens. Já o uso do rádio, embora facilitasse e aumentasse a rapidez das comunicações, também levantou a questão da segurança das comunicações, alçando a antiga arte da criptografia a um patamar de relevância até então inédito no cenário estratégico mundial.

No âmbito social, a ascensão da doutrina política do Marxismo revolucionaria as massas em todas as partes do mundo. A emergência da União Soviética no cenário internacional após a Primeira Guerra significou uma nova era, simbolizada pelas legiões de agentes secretos que, de um lado, tentavam fomentar a revolução socialista e, de outro, tentavam impedir que os primeiros obtivessem sucesso. O fato é que, desde 1918, os serviços de Inteligência do leste e do oeste estiveram em conflito, apenas interrompido (e apenas de maneira parcial) com o surgimento de um terceiro poder: o nazi-fascismo totalitário.

A Segunda Guerra Mundial, que foi classificada como a primeira guerra total, também foi uma guerra de Inteligência total. Foi o primeiro conflito no qual a Inteligência tecnológica foi decisiva para sua resolução. Nessa altura do livro, o coronel Hugues-Wilson nos brinda com vários relatos de casos reais ocorridos na Segunda Guerra, mostrando triunfos dos dois lados que oferecem lições valiosas para qualquer profissional da área de Inteligência. É, sem dúvida, um dos momentos mais interessantes de toda a obra.

A Guerra Fria, que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, foi a primeira guerra de Inteligência. Em plena era nuclear, se tornou muito perigoso para as superpotências partir para um confronto direto. Dessa forma, o confronto se deu na forma de esporádicas guerras indiretas, em países de terceiro mundo, e na forma do conflito direto entre as agências de Inteligência da União Soviética, entre essas, a KGB, e a recém-criada Agência Central de Inteligência (CIA), o novo órgão de Inteligência dos Estados Unidos da América.

Repleto de casos de infiltrações, sabotagens, recrutamentos, o livro de Hugues-Wilson nos apresenta uma visão satisfatória do que representou a guerra de Inteligência dentro da Guerra Fria. Apesar da crescente importância dos meios técnicos e tecnológicos, percebe-se através de seu relato que o foco jamais deixou de ser o homem. Oficiais de Inteligência estiveram e estão no centro de qualquer serviço de Inteligência bem estruturado, e isso transparece nas lições contidas nas histórias desse período.

O livro avança até o século XXI, e não se furta de falar sobre o grande desafio da Inteligência dos dias atuais – o terrorismo. Relembrando que o terrorismo é tão velho quanto a própria guerra, e que desde sempre foi um método de os mais fracos lutarem contra os mais fortes, o autor se concentra no rápido desenvolvimento que o terrorismo obteve no século XX, notadamente a partir de indicações de que ele poderia ser uma ferramenta vitoriosa no novo cenário mundial: a campanha terrorista que levou o Exército

Republicano Irlandês (IRA) a conquistar a independência da Irlanda, e a criação do Estado de Israel no esteio da campanha de terror dos grupos sionistas Irgun e Stern. Esses exemplos certamente não devem ter passado despercebidos pelos grupos terroristas jihadistas islâmicos da atualidade, que, liderados pela Al-Qaeda e pela figura de Osama bin Laden, introduziram um elemento radical e ainda mais perigoso nessa equação do terror: o atentado suicida.

Concluindo, o coronel Hugues-Wilson retoma o mote inicial, pois se, por um lado, pode-se considerar a atividade de Inteligência a profissão mais antiga da humanidade, ela também é a profissão do futuro. O atual fluxo torrencial de informações, a vulnerabilidade dos sistemas digitais e a proliferação de grupos terroristas evidenciam a importância do oficial de Inteligência, enquanto analista e agente, para proteger a sociedade, em um momento em que ela provavelmente sofre mais ameaças do que nunca. Essas pessoas, muitas vezes desconhecidas, estiveram ao longo da história por trás de reis, príncipes e imperadores, ditando seus movimentos tais como mestres de marionetes, personagens principais do espetáculo, sem, contudo, jamais serem vistos pela platéia. Agora, como antes, eles continuam a servir suas pátrias, escondidos do grande público, mas, mais do que nunca, imprescindíveis para a segurança e o progresso de suas nações.